

Intelectualidade e panamericanismo nas páginas de um suplemento nacionalista

LIVIA LOPES NEVES*

A América pulsava diante da iminência da conflagração da Segunda Guerra Mundial, das movimentações políticas para a formação de alianças, da construção de discursos e políticas de cooperação continental, desejosos em consolidar uniões políticas, econômicas e culturais quando o suplemento panamericano *Pensamento da America*, publicação que no âmbito da política cultural do Estado Novo possuía intenção específica, começa a ser editado.

Este suplemento integrou com o jornal que o abrigava, *A Manhã*, uma política editorial que referendou as escolhas do processo de nacionalidade, no qual alguns ícones da brasilidade que pertenciam ao campo cultural e político mereceram destaque, sem olvidar da intenção que motivou sua criação, claramente identificada com a divulgação da política panamericanista, a qual o governo estado-novista aderiu paralelamente ao alinhamento com os Estados Unidos numa conjuntura de guerra.

Publicado de agosto de 1941 a fevereiro de 1948, o *Pensamento da America* manteve-se fiel ao ideal de divulgar o panamericanismo e as artes americanas, utilizando-se para isso de artigos de diversos autores sobre literatura, música, história, artes visuais, folclore, dança, geografia e urbanismo. Sua diagramação não acompanhou as inovações editoriais apresentadas pelas revistas ilustradas dos anos 1920,¹ demonstrando-se tradicional sob este aspecto. Um elemento que marca a publicação é a pouca rigidez na revisão editorial, tendo em vista que nem todas as informações vinculadas tenham passado pelo crivo enérgico da redação.²

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, integrada à linha de pesquisa Políticas da Escrita, da Imagem e da Memória. Bolsista CNPq.

¹Ana Luiza Beraba (BERABA, 2008) afirma que o PdA possuía diagramação moderna, porém, se compararmos tal publicação às Revistas ilustradas dos anos 1920, renovadas esteticamente e irreverentes, tal caracterização pode ser questionada. Ver (OLIVEIRA; VELLOSO; LINS, 2010).

² Exemplo é a divulgação de um artigo denominado um *Poema de Walt Whitman* (REDAÇÃO, 1943: 172), no qual lemos: “Em abril de 1942 (sic!), na Terra de Sol, revista literária dirigida pelos srs. Tasso da Silveira e Alvaro Pinto, foi publicada a tradução portuguesa do poema – *Poetas que Virão* – de Walt Whitman, sem indicação do tradutor, mas afirmando-se, em nota, talvez ser uma das primeiras, senão a primeira tradução do grande poeta, aparecida em língua portuguesa (...)”. Apesar da reprodução, Angela de Castro Gomes nos informa que “Whitman era um poeta norte-americano que viveu de 1819 a 1892 e pensou a questão da unidade de seu país. Sua grande obra *Folhas de*



Ribeiro Couto por Pacheco.
PdA, 25 abr. 1943, p. 43.

O projeto desenvolvido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) contava com a participação de Cassiano Ricardo (diretor geral do jornal *A Manhã*), Múcio Leão (diretor de suplemento *Autores e Livros*) e de Rui Ribeiro Couto,³ idealizador da Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty e diretor do suplemento do seu número inaugural a março de 1943, excetuando-se o período entre outubro de 1941 e março de 1942, sendo neste período substituído pelo redator da seção de Artes Plásticas de *A Manhã*, Manuel Bandeira (REDAÇÃO, 1942:58). O chefe do Serviço de Informação do Ministério das Relações Exteriores, Renato Almeida⁴, assumiu a direção

Relva, já admirada desde 1918, pela *Revista América Latina* (sic! *América Latina: Revista de Arte e Pensamento*), sendo portanto uma consolidada referência para o grupo Festa”. (GOMES, 1999:64). Apesar de a nota de Gomes não desqualificar certamente o artigo publicado em PdA, torna-se relevante destacar que *Terra de Sol* foi uma publicação que circulou de 1924 a 1925.

³ Rui Ribeiro Couto (1898 - 1963), poeta e prosador santista que esteve entre os responsáveis pela transição entre o simbolismo e o modernismo apesar da forte identificação com o simbolismo do final do século por aspectos como a melancolia e certa visão trágica. Foi eleito para a ABL em 1934 e com 36 anos de idade, tornou-se o mais jovem acadêmico da época. Iniciou sua carreira como colaborador em jornais (a saber: *Cidade de Santos* e *A Tribuna* ambos de Santos), tendo conquistado espaço em jornais de destaque como o *Correio da Manhã*, *A Manhã* e *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro e o *Diário de Notícias* de Lisboa. Seguiu carreira diplomática, servindo ao Brasil em Lisboa, Holanda, Suíça, Iugoslávia etc., tendo se aposentado aos 65 anos por limite de idade em tal carreira. Participou do grupo *Fon-Fon* e como colaborador eventual em *Festa*. Apesar de citado por Alfredo Bosi como um poeta menor do modernismo, sua rede de sociabilidade intelectual, apreendida através de seu epistolário, o aponta como alguém entrosado às discussões estéticas de sua época e atuante no que toca às movimentações artísticas e políticas. Como justificativa para o esquecimento de suas obras, Marcus Rouanet de Mello, biógrafo do intelectual, afirmou que “a visão política final de Ribeiro Couto para o Brasil era de um autoritarismo democrático, organicamente ligado aos valores algo vagos e abstratos de um inconsciente coletivo nacional. O getulismo, não só o do Estado Novo, mas também o do período democrático, parece-me que correspondeu, no fundo e na forma, ao que Couto entendia devesse ser – com os necessários aperfeiçoamentos – o sistema político desejável para o país” (MELLO *apud* MARIZ, p. 12). Cf. (MARIZ, 1998), (GOMES, 1999) e (LINS, 1997).

⁴ Renato Almeida (1895 – 1981), baiano de Santo Antonio de Jesus, ensaísta, folclorista, musicista, professor, jornalista, conferencista e participante de missões culturais do Brasil no estrangeiro, amante do simbolismo, “cidadão honorário carioca” foi membro da Sociedade Felipe d’Oliveira, funcionário do Ministério das Relações Exteriores, membro do IHGB, da Academia Brasileira de Música e da Comissão Nacional do Folclore, chefe do Serviço de Informação do Ministério das Relações Exteriores, colaborador de *Terra de Sol*, ligado aos grupos de *Estética* e de *Festa*. Foi figura representativa da musicologia brasileira e dos estudos de folclore. Trabalhou no *Monitor Mercantil* e na *Revista América Brasileira*, dirigida por Elísio de Carvalho. Segundo o próprio Renato Almeida, “depois da guerra, a arte e o pensamento sofrem tremendo impactos e veio o modernismo, campanha na qual me empenhei com o maior vigor. Foi quando senti que era preciso ter um destino, já que não mais escolhido ao meu prazer, mas determinado. A hora do escritor desinteressado estava extinta e não tínhamos mais de fazer o que queríamos, porém o que devíamos, ou seríamos marginais” (LIMA, 1960). Sobre o intelectual, Antonio Arnoni Prado afirmou que ao defender o ideal de que a reforma brasileira não deveria se dar apenas no campo estético, ele acreditava que era necessário que se

do suplemento em abril de 1943, em virtude da viagem do magistrado Ribeiro Couto - em missão diplomática a Lisboa, onde permaneceria até 1946 (BERABA, 2008) - tendo estado no posto até novembro de 1945 e contado com a colaboração de Vinícius de Moraes, Gilberto Freyre e Cecília Meireles.

Almeida imprimiu à publicação o continuísmo apesar de reservar maior espaço para a música e o folclore, áreas de seu interesse e nas quais o escritor publicou importantes obras, como a *História da música brasileira*, de 1926 e *Compêndio de História da Música Brasileira*, de 1942, que segundo o pesquisador Luis Otávio Rendeiro Braga tornou-se obra referência para o estudo da música brasileira (BRAGA, 2002). A música popular, através de sua concepção que privilegiava a perspectiva folclórica, era um processo de formação e afirmação da brasilidade, já que permitia que se observasse a questão da miscigenação, determinante da nacionalidade musical brasileira.⁵ É durante a vigência de Almeida que o suplemento ganha a publicação de colunas regulares, porém não fixas, sendo a mais recorrente a *Compositores Americanos*, que passa a existir em abril de 1943 e tem sete edições, sendo a última em outubro de 1945.



“Retrato do grande pintor mexicano, Diego Rivera, para ilustrar a versão espanhola do livro de Carleton Beals – ‘Panorama Mexicano’” – ca. 1930 (Diego Rivera).

Lê-se na legenda: “Desenho do grande pintor mexicano, Diego Rivera, para ilustrar a versão espanhola do livro de Carleton Beals – ‘Panorama Mexicano’”



“Outro desenho de Diego Rivera, ilustrando o livro citado.”

Lê-se na legenda: “Outro desenho de Diego Rivera, ilustrando o livro citado.” No artigo *Imagens do México – Conferência pronunciada no Rio no centro Universitário Cuautemoc a 10 de dezembro de 1929*, por Ronald de Carvalho. PdA, jan 1944, p. 9. No suplemento também estão presentes reproduções de obras consagrada do pintor.

alastresse e operasse “a transformação nacional no seu centro de vida ativa, econômicos e sociais”, convergindo assim com a proposta política que tomaria o poder em 1930 (PRADO, 2010:259). Cf. (LIMA, 1960) e (PRADO, 2010).

⁵ *Idem.*



Alfonso Reyes, em PdA, 25 abr. 1943, p. 50 (não consta a autoria do desenho).



Gabriela Mistral, em PdA, 30 mai. 1943, p. 55.

Entre os diversos artigos que foram publicados no suplemento estão textos de autores sobre literatura, música, história, artes visuais, folclore, dança, geografia e urbanismo. O *Pensamento da America* trouxe às suas páginas nomes como de José Martí, Sarmiento, Rodó, Euclides da Cunha, além das artes visuais, com o uruguaio Pedro Fígari e o mexicano Diego Rivera. A lista dos escritores e poetas é imensa, com destaque para o peruano Ciro Alegria, o escritor e poeta uruguaio Fernán Silva Valdéz, o sociólogo argentino Carlos Octavio Bunge, José Hernández, Waldo Frank, Ronald de Carvalho, Gilberto Freyre, Walt Whitman, Alfonso Reyes, Gabriela Mistral, Mário de Andrade, Blanco Fombona, o uruguaio Jules Supervielle, a argentina Alfonsina Storni, o chileno Pablo Neruda, o peruano César Vallejo, entre outros.⁶

A publicação contou ainda com uma grande variedade de colaboradores não-fixos, ou seja, escritores que tiveram textos publicados esporadicamente, destacando-se os nomes de Acácio França, principalmente como tradutor, o de Gabriela Mistral,

poeta chilena e cônsul do Chile no Rio de Janeiro que fora agraciada com o Premio Nobel de Literatura de 1945, assunto, aliás, bastante veiculado nas páginas do suplemento, bem como, Alfonso Reyes, representante do México no Brasil.⁷ Como

⁶ Segundo Leandro Karnal, “obras clássicas da cultura hispano-americana (...) foram solenemente ignoradas pelos intelectuais e pelo público em geral no Brasil. Tomemos como exemplo o *Facundo* do argentino Sarmiento, a obra poética de Sórora Juana Inés de la Cruz no México, romances indigenistas como *Grande e Estranho é o Mundo* (do peruano Ciro Alegria) e o relato impressionista de *Eu, o supremo*, do paraguaio Roa Bastos.” O autor é enfático ao demonstrar o pouco interesse do Brasil em relação aos demais países latino-americanos. De fato, as obras citadas não são de conhecimento do grande público, porém, o *Pensamento da America* é exemplo de que ao menos os clássicos americanos foram vinculados pela imprensa brasileira (KARNAL, 2000).

⁷ Alfonso Reyes (1889 – 1959), nascido em Monterrey, no México, foi escritor e diplomata e viveu no Brasil na década de 1930, durante quase sete anos como embaixador mexicano no Rio de Janeiro, nomeado pela Secretaria de Relações Exteriores do presidente Ortiz Rubio. Tido por Fred P. Ellison como um brasilianista, apesar de ser caracterizado mais como um generalizador do que como um

característica marcante, cito o fato do suplemento recorrentemente publicar excertos de livros, pronunciamento ou discursos, de brasileiros ou estrangeiros – neste caso publicava-se a tradução – de anos anteriores a aparição do suplemento, dessa forma sendo composto muitas vezes por artigos não escritos exclusivamente para tal fim. Apesar disso, a publicação não parece ter representado o papel de aglutinador entre os intelectuais do continente, nem ter se constituído um “lugar identitário da consciência americana” (MEDINA, 2010: 23), tal como foi *Repertorio Americano*, revista publicada entre os anos de 1919 e 1958, sob orientação do costarriquenho Joaquín García Monge.

A ideia de que a literatura e a arte aproximavam as nações irmãs do continente foi explorada de forma intensa pelo suplemento. Poemas, artigos, ensaios e resenhas de uma gama de americanos de diferentes nacionalidades estavam incluídos nas páginas de *Pensamento da America*, que era ilustrado com caricaturas de figuras exponenciais do continente, além de pinturas, gravuras e esboços de artistas americanos. Foi através da divulgação dos trabalhos de intelectuais e desses artistas que a publicação externalizou de forma prática o apoio à política rooseveltiana e deu sua contribuição a divulgação do panamericanismo no Brasil.

É visível, assim, que a publicação contou com a contribuição de intelectuais renomados, que, conforme discurso de Vargas na Academia Brasileira de Letras, não poderiam mais ser aqueles isolados em uma torre de marfim, mas sim preocupados com as grandes questões nacionais e pensadores do Brasil como unidade a ser preservada (LUSTOSA 1995).

O intelectual teve papel destacado durante o Estado Novo, especialmente porque foi uma característica do governo durante esse período, o intento de fortalecer e divulgar a política cultural por ele proposta, como forma de legitimação e divulgação do regime,

que se diferenciou porque definiu e constituiu o domínio da cultura como um negócio oficial, implicando um orçamento próprio, a criação de uma “intellingetzia” e a intervenção em todos os setores da produção, difusão e conservação do trabalho intelectual e artístico. (MICELI, 2001:197)

especialista, no Brasil o escritor manteve estreita ligação com Ronald de Carvalho, foi ovacionado por Gilberto Freyre e formou amizades com Graça Aranha, Manuel Bandeira, Alceu Amoroso Lima, Cândido Portinari, Cecília Meireles, Renato Almeida e Ribeiro Couto, tendo sido descrito por este com a expressão “o homem cordial”. Teve papel destacado como mediador entre as artes e os artistas do México e do Brasil (ELLISON, 2002). É interessante perceber que a sociabilidade intelectual tem reflexos significativos na posterior construção do PdA.

A empreitada contou com um aparato burocrático formado, muitas vezes, por literatos e pessoas envolvidas com as artes brasileiras, inaugurando assim a política da elite burocrática (MICELI, 2001), que agregou um grupo de intelectuais que defendia o pensamento autoritário e elitista e que se posicionava politicamente a favor do conservadorismo e do autoritarismo, propostas que encontraram ressonância no governo Vargas.⁸

O discurso do suplemento era homogêneo e, não dava espaço para os que não integravam as hostes estadonovistas, pois, além de fazer parte de um projeto político ele era a síntese da propaganda panamericana, tendo provavelmente sido o único meio de divulgação oficial dessa política no Brasil. Não citou, por exemplo, a não adesão imediata da Argentina ao alinhamento com os Estados Unidos durante a guerra, e apesar de muito se falar sobre Waldo Frank em suas páginas, especialmente sobre sua visita a

Brasil, financiada pelo *Office*⁹, nada foi dito acerca das críticas que este intelectual fazia ao governo estadunidense e ao demasiado materialismo daquela sociedade.¹⁰ Falou-se também sobre Rodó, escritor uruguaio que destacou a pobreza espiritual de uma civilização materialista, mas nenhum trecho de sua obra que pudesse ferir a imagem dos Estados Unidos como bom amigo consta nas páginas do suplemento.

De qualquer forma, é visível a opção dos editores pela poesia e prosa mais identificada com os seus gostos e com os projetos políticos do regime, ao invés de obras politicamente engajadas à esquerda, como foi observado pela historiadora Maria de Fátima Fontes Piazza:



Waldo Frank, em destaque na capa da edição de mai. de 1942, p. 89.

⁸ Prado utiliza-se dos termos “falsa vanguarda” e “dissidentes” para construir seu argumento, e embora seu trabalho não tenha como foco a relação entre a intelectualidade e o Estado Novo, a partir de suas discussões esse tema pode ser debatido (PRADO, 2010).

⁹ *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA). Para dados mais consistentes sobre a criação e funcionamento do OCIAA, ver *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, da National Archives Library, United States Government Printing Office, Whashington, 1947.

¹⁰ Ver, por exemplo, o artigo intitulado “Waldo Frank” no *Suplemento Pensamento da América* (REDAÇÃO, 1942:89).

[...] o suplemento não publicaria os poemas contidos em *España, aparta de mi este cáliz*, que está enfeixado em *Poemas Humanos* (1939), de um poeta peruano dessa magnitude, com uma trajetória de engajamento político que fez uma ode à Espanha, à causa republicana espanhola, aos seus milicianos e à justiça social. Essa poética engajada de Vallejo se aproxima muito da do russo Maiakovski e jamais seria publicada (PIAZZA, 2010:5).

Parece-me, nesse sentido, que a margem de autonomia frente à censura no caso do suplemento em questão, existiu devido à afinação entre a proposta política dos editores e a do governo, esse se constituindo como elemento que por si só excluía ou limitava a presença de textos que pudessem ser considerados uma afronta a ordem estabelecida. Ou seja, a margem de autonomia é aparente quando se parte do princípio de que a filtragem de textos que figuravam na publicação obedecia critérios postos pelos editores, coincidentes em grande parte aos do projeto do Estado Novo. Entendo, dessa forma, que a participação de nomes como o de Cassiano Ricardo, Ribeiro Couto e de Renato Almeida, para citar envolvidos com a publicação do suplemento, em projetos de um governo autoritário e nacionalista dizem mais respeito às convicções políticas desses intelectuais e mesmo à sua trajetória literária.

A princípio, o *Pensamento da America* foi editado semanalmente, em forma de coluna integrada ao jornal *A Manhã*, contando com número reduzido de páginas. Consagrado à divulgação dos valores literários e artísticos dos demais países do continente, tinha entre suas motivações o fato de que

Houve tempo - ainda em nossos dias - em que reinava nos países do Novo Mundo um certo separatismo de ordem moral e política; procurava-se opor a América inglesa à América espanhola, assim como esta ou aquela (ou ambas) à América portuguesa. A lição da hora presente é outra. Qualquer que seja a sua origem étnica e qualquer que seja a forma das instituições de cada povo- há uma unidade americana. (REDAÇÃO, 1941: 17)

Segundo essa mesma edição, tal convicção não seria apenas dos governos, mas também das “multidões”. Então, se existia essa consciência histórica e geográfica, haveria de ter o interesse pelas artes dos nossos países vizinhos. Atendendo a esse propósito, o suplemento começa a ser editado.

Até então acomodado “provisoriamente” em uma ou duas páginas, em 22 de janeiro de 1942, inaugurou-se o novo formato¹¹ do *Pensamento da América*, agora

¹¹ De coluna, o *Pensamento da America* passa a ser apresentado sob forma de fascículos independentes,

publicado mensalmente, o que seria seguido até o seu último exemplar, com ligeiras modificações de áreas de interesse de acordo com o editor que assinava a edição. Ana Luiza Beraba corrobora com a explicação do suplemento para tal mudança ao afirmar que essa se deveu ao sucesso da publicação, que, segundo nota publicada em março de 1942, parecia de êxito menos certo que *Autores e Livros* (REDAÇÃO, 1942:58). A autora acrescenta ainda, como possibilidade explicativa para o sucesso desse empreendimento editorial, o fato de este envolver intelectuais competentes e já consagrados nos campos literário e artístico. No entanto, parece ser necessário mencionar o fato de que o discurso panamericano foi veiculado no período para atender a uma demanda política e econômica do Estado Novo e não das “multidões”, sendo, conseqüentemente, a publicação uma ferramenta de divulgação de um argumento legitimador de alinhamentos, financiamentos e investidas práticas e não apenas refletora do interesse em divulgar as artes e letras continentais, embasados no intuito de cooperação intelectual.

O fato é que a alteração não foi apenas no formato. O suplemento, que conservava apenas conotação literária e artística, a partir desse editorial apresentará também discussões políticas, tendo em vista que a publicação não estava “de costas voltadas para nenhuma forma de atividade, para nenhuma expressão moral e material da vida americana” (REDAÇÃO, 1942:58) e o intuito de transformá-lo em um órgão especializado na difusão de todas as informações, estudos e todos os conhecimentos que se referiam à América.

Ao longo de sua existência, a publicação apresentou ao público brasileiro o que de concreto os governos americanos realizavam para que se conquistasse a união continental: a cooperação, estendida a todos os campos de ação – financeiro, político e cultural – era sempre reafirmada como elemento capaz de gerar a força e coesão necessárias para o ganho da guerra. Além disso, foi marcante a valorização das artes e letras de uma gama variada de artistas e escritores do continente¹², sendo muitos deles já

medindo 28 cm x 39 cm, em formato tablóide, tal como *Autores e Livros*. cf. BERABA, 2008, p. 60. O suplemento foi substituído, a princípio provisoriamente, por *Ciência para Todos*, segundo Beraba (BERABA, 2008), não tendo sido publicado novamente. Porém, o *Pensamento da America* tem sua derradeira edição em 3 de julho de 1949, sob organização de Paulo Gomide, por ocasião do aniversário de Independência dos Estados Unidos.

¹² Segundo Ribeiro Couto, “através da literatura e da arte, principalmente, que os povos se entendem melhor e melhor se amam” (COUTO, 1942:28).

consagrados pela crítica literária e artística. Essa característica em especial, levou à observação do que foi um elemento constante nas páginas do suplemento: a vinculação de um discurso voltado para a valorização dos ícones do continente, eleitos pela historiografia oficial e triunfalista ou produzidos e divulgados por textos e obras já canonizadas que eram apenas reproduzidas no *Pensamento da America*.

É nesse sentido que a política cultural do período, que privilegiou a consagração da cultura histórica pela apropriação de autores e obras históricas¹³, pode ser claramente notada nas páginas da publicação, que se torna um valioso objeto de pesquisa a partir do qual se pode refletir acerca da postura do Estado diante da valorização do passado e da utilização do elemento histórico como força construtiva de um discurso voltado para o nacional e, em decorrência do momento vivido, para o continental, no qual a memória e o conhecimento histórico articularam-se e foram instrumentos capazes de fornecer subsídios para o alargamento do conhecimento em relação às repúblicas-irmãs, e, a partir disso, viabilizar a renovação de sentimento em relação a elas chamando o público leitor a comungar com a nova causa brasileira: o panamericanismo.

Caro ao Estado Novo, o resgate do passado nacional e, naquele momento também do passado continental, sob a luz de uma estética triunfalista, dava espaço aos grandes nomes do continente, especialmente os que se envolveram nas lutas de independência das Américas, tendo sido, dentro do panteão construído e divulgado pela publicação o nome de Simón Bolívar o mais recorrente como exemplo no processo de articulação da união entre as nações do continente.

O artigo *As Grandes Figuras do Continente* (REDAÇÃO, 1942:16-17), exemplo da última característica mencionada, é constituído pelas imagens de oito homens que são:

1. José de Alencar, o admirável romancista de Guarani e de Iracema
2. José Bonifácio, o Patriarca da Independência do Brasil
3. Francisco Garcia Calderón, escritor peruano
4. Joaquim Nabuco, abolicionista, político, escritor e embaixador
5. James Monroe, presidente dos “EE. UU. Da América do Norte”
6. Rui Barbosa, ardoroso campeão das causas liberais da America
7. D. Pedro I, Imperador do Brasil
8. Salvador Mendonça, jornalista, escritor, poeta, diplomata

¹³ Sobre o assunto nos fala Angela de Castro Gomes (GOMES, 2007).



O *Pensamento da America* se propôs a tornar verdade a homogeneidade e firmeza da causa continental em solo nacional, arregimentando adeptos ao aproximar a doutrina do público leitor. O nacionalismo estadonovista não se intimidou diante de uma política internacionalista como a da Boa Vizinhança proposta por Roosevelt. Fez dela um instrumento para galgar seu espaço no cenário americano, vinculando-a como necessariamente distinta da renúncia da soberania nacional, tomando-a antes como “uma conjugação de esforços coletivos, emanados de cada expressão nacional com seus matizes peculiares” (REDAÇÃO, 1943:53) e uma unidade defensiva, na qual cada país nos limites de suas condições e possibilidades colaboraria.

Resgatar o suplemento *Pensamento da America* parece ser uma forma de aferir como se adotou no Brasil o discurso panamericano, de notar a tentativa de aproximação cultural, política e afetiva que é observável através da publicação e de retomar o debate em torno da questão da política da Boa Vizinhança sob o ângulo de um órgão oficial de comunicação. A partir do estudo dessa publicação torna-se possível pensar também questões como o envolvimento da intelectualidade com os projetos do Estado Novo e com a construção da identidade nacional e continental, tendo em vista que a atuação dos intelectuais brasileiros foi destacada e relevante na proposição e implementação de

projetos de um *Brasil moderno*,¹⁴ sendo eles eleitos como representantes da consciência nacional, o que promoveu o encontro entre estes e a organização político-ideológica governamental (VELLOSO, 2003).

O que salta aos olhos na análise acerca do suplemento é o forte caráter governamental e prático que essa publicação abrigou, não apenas pela veiculação do discurso e da história oficial, como também pela manipulação tanto do próprio discurso como da memória nacional e continental a fim de legitimar intenções e práticas. Nesse sentido, observou-se que a naturalização do discurso panamericano, através do crédito de caráter sentimental e da dissociação das intenções e necessidades práticas, reforçadas pelo advento da Segunda Guerra, bem como a construção de uma “memória comum” continental colaboraram para a divulgação e sustentação da política da Boa Vizinhança no Brasil. Neste último processo, destacou-se a eleição de um herói maior nas páginas do suplemento – Simón Bolívar – a apropriação do mito e de suas significações positivas para a reformulação e concretização do panamericanismo da década de 1940.

A partir da análise do próprio suplemento, especialmente do conjunto de colaboradores, artigos, imagens e temáticas, pôde-se analisar de que forma veiculou-se o discurso em defesa do panamericanismo em conjugação com o nacionalismo, elemento presente na formulação do projeto estadonovista, assim como apreender de que forma o *Pensamento da America* refletiu a política do governo de valorização do passado e como deu novo significado a uma gama de elementos simbólicos de maneira a compor e a legitimar o discurso veiculado pelo suplemento.

Bibliografia

BRAGA, Luiz Otávio Rendeiro C. Anos 30 e 40: A memória da música. In: _____. *A invenção da música popular brasileira: de 1930 ao final do Estado Novo*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2002. Tese de doutorado em História.

ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil: um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

GOMES, Angela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

¹⁴ Segundo Angela de Castro Gomes (GOMES, 1999), o mercado de trabalho para os intelectuais dentro do aparelho burocrático triunfou com o Estado Novo, especialmente com a criação do Ministério da Educação e Saúde, e do Departamento de Imprensa e Propaganda, que se somaram ao tradicional espaço do Ministério das Relações Exteriores.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* Modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1999.

KARNAL, Leandro. *O Brasil e a América Latina denegada*. Ciências e Letras. Porto Alegre, n. 28, jul/dez. 2000, p. 96.

LIMA, Rossini Tavares de. Um pouco da vida e da obra de Renato Almeida. *In: Estudos e ensaios folclóricos em homenagem a Renato Almeida*. Ministério das Relações Exteriores, Seção de Publicações. 1960.

LINS, Vera. *Ribeiro Couto, uma questão de olhar*. Fundação Casa de Rui Barbosa- Ministério da Cultura- Rio de Janeiro, 1997.

LUSTOSA, Isabel. *A descoberta da América: o lugar dos Estados Unidos no modernismo brasileiro*. Papéis Avulsos, 21, Fundação Casa de Rui Barbosa- Ministério da Cultura- Rio de Janeiro, 1995.

MARIZ, Vasco (org.). *Ribeiro Couto: no seu centenário*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998.

MEDINA, Mario Olivo. En torno a la historia de Repertorio Americano. *In: CRESPO, REGINA. Revistas em América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México: CIALC/Eón Editores, 2010.

MICELI, Sergio. Intelectuais e a classe dirigente do Brasil (1920-1945). *In: Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

Office of the Coordinator of Inter-American Affairs. National Archives Library, United States Government Printing Office, Whashington, 1947.

OLIVEIRA; VELLOSO; LINS (orgs.). *O moderno em revistas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. *Os dilemas do Pensamento da América*. Florianópolis: PPGH/UFSC, 2010. (exemplar digitado).

PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

RAMOS, Carolina. *Ribeiro Couto: Vida e obra*. São Paulo: Contexto, 1989.

SALVATORE, Ricardo. Panamericanismo práctico: Acerca de la mecánica de la penetración comercial norteamericana. *In: SALVATORE, R (org.). Culturas Imperiales: Experiencia y representación en América, Asia y Africa*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2005.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In: RÉMOND, René (org.). Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/Editora FGV, 1996.

VELLOSO, Os intelectuais e a política cultural no Estado Novo. *In: Ferreira, Jorge, Neves, Lucília de Almeida. (Org.). O Brasil republicano*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 2, p. 145-180.

Artigos do Pensamento da America

REDAÇÃO. A Expressão do Panamericanismo. *In: Suplemento Pensamento da América*. Rio de Janeiro: A Manhã, mai. 1943.

REDAÇÃO. A Serviço da Compreensão Americana. *In: Suplemento Pensamento da America*, Rio de Janeiro: A Manhã, 22 mar. 1942.

REDAÇÃO. Americanidade. *In: Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro: A Manhã, 9 ago. 1941.

REDAÇÃO. As Grandes Figuras do Continente. *In: Suplemento Pensamento da America*, Rio de Janeiro: A Manhã, 22 jan. 1942.

REDAÇÃO. Poema de Walt Whitman. *In: Suplemento Pensamento da América*. Rio de Janeiro: A Manhã, dez. 1943.

REDAÇÃO. Waldo Frank. *In. Suplemento Pensamento da América*. Rio de Janeiro: A Manhã, 24 mai. 1942.

Fontes

Suplemento Pensamento da America. Jornal *A Manhã*: Rio de Janeiro, 1941-1948. (material microfilmado da Coleção Plínio Doyle, Fundação Casa de Rui Barbosa). O microfilme pertence ao acervo do LABHARTE/CFH - Universidade Federal de Santa Catarina. Foi utilizada a versão digitalizada.

Suplemento Pensamento da America. Jornal *A Manhã*: Rio de Janeiro, 1941. (material microfilmado da Fundação Biblioteca Nacional). O microfilme pertence ao acervo do Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura/CFH - Universidade Federal de Santa Catarina.